

Festival de Inverno de Brasília

PAULO RAMOS DERENGOSKI

Brasília-esperança prateada dos planaltos, dilacerada (outros) entre a cruz e a espada, entre a auri-verde bandeira que o vento do futuro beija e balança e as cintilantes coroa de esmeraldas do passado, banhada em luz de exóticos jardins, violentada pelo excesso da claridade tropical, ressequida em névoas misteriosas, perdida entre o som e a fúria — é agora uma das cidades do Homem. Patrimônio de Be-Ra-Zil... da própria humanidade...

A história do Ocidente passa a ser marcada pelas duas cidades: Roma, cidade-aberta, lembrança de memórias vagas no arquétipo imemorial das civilizações que se foram. E Brasília, cidade do futuro, já eternizada no inconsciente coletivo das massas. Falta-lhe, no entanto, transformar-se em capital mundial da cultura! E esta é a proposta que passo a fazer.

Tendo passado o mês de junho em Brasília, verifiquei que a cidade tem todas as condições de realizar o maior Festival de Inverno do país e talvez do mundo.

Em primeiro lugar, época de férias escolares no Brasil e alta temporada de vacâncias na Europa e Estados Unidos. Brasília está iluminada pelo ameno sol de junho, e os europeus nesta época não têm aon-

de ir. Aliás, é um grave erro turístico insistir em trazê-los apenas por ocasião do tórrido — e periculoso — verão carioca, apenas para ver carnaval e samba no pé. Vivemos hoje uma época do turismo sindical e cooperativo, com os regimes da social-democracia européia mandando aviões de seus operários ricos para um turismo mais ecológico e cultural.

O Festival de Inverno de Brasília seria pois essencialmente cultural e modernamente jovem. Reuniria música popular de todos os cantos do País, festivais de cine-vídeo e foruns de debate nas áreas de ciências humanas, políticas, sociais e exatas. Seria realizado o I Simpósio Mundial de Defesa do Meio Ambiente e o debate (permanente) sobre as cidades do futuro. A UNESCO e as principais universidades do País e do mundo seriam chamadas a colaborar. Também a área das ciências ocultas e do misticismo (por que não?) poderia dar sua participação. Partidos políticos marcariam suas convenções neste festival de cosmopolitismo e de novas idéias.

Lembre-mos de que Brasília já sediou simultaneamente a reunião da SBPC, a marcha da UDR, congressos de Geografia e História

e convenções partidárias. Foram dias gloriosos, com a cidade fervilhando de inteligências engajadas e partícipes.

Todavia, para realizar tais eventos é preciso começar a trabalhar desde já. O Governo do Distrito Federal e o Ministério da Cultura — quase em finais de mandatos — terão que arregaçar mangas, ultrapassar melindres itamaratianos e requisitar as forças vivas nacionais. Todos os outros estados poderiam colaborar. Transferir-se-ia o fracassado Fest—Rio. RS mandaria seus professores. SC a tecnologia de ponta catarinense. Do Paraná viriam agricultores modernos. Do Nordeste, as Betânia, as Gal Costa, as Elba Ramalho etc etc etc. Os candidatos a Presidente seriam sabinados. Até Clinton e Bush poderiam vir...

Pensando grande, deixo essa idéia aos governantes da Pátria e da capital federal. Como uma árvore destinada a plantar raízes da nossa terra. Certo de que a cultura não é um substituto para a vida, mas a chave para ela. De que a vida é a oportunidade de ousar.

E de que só a audácia dá todas as vitórias...

■ Paulo Ramos Derengoski é ensaísta